

# EXEGESE DE LUCAS 20:27-40 HAVERÁ CASAMENTO NO CÉU?

Igor Felipe L. de O. B. Mattos<sup>1</sup>

Milton Luiz Torres<sup>2</sup>

## RESUMO

O casamento idealizado por Deus é uma bênção na vida do ser humano. Uma vez que era plano dEle que o ser humano pudesse se realizar e aprender através dessa instituição, não há por que cremos que, com Sua volta e a restauração de todas as coisas, deixe de existir o casamento na eternidade. Assim, o objetivo geral deste trabalho foi examinar a resposta de Cristo dada aos saduceus sobre o casamento em Lucas 20:27-40. O objetivo específico foi, por sua vez, definir se há escopo para a instituição do casamento na doutrina escatológica do céu. Para tanto, a metodologia empregada nesta pesquisa foi a exegese do trecho de Lucas sob estudo. Na análise da perícopre de Lucas, foi possível notar, na resposta de Jesus ao partido descrente na ressurreição, uma confirmação dessa crença. Essa certeza podia ser fundamentada nas Escrituras, em relatos como o da sarça ardente, apontado por Jesus, e no poder de Deus, outro motivo para não desacreditar em tal promessa. Cristo diz que seremos como os anjos, em outras palavras, seres imortais, filhos de Deus. Não será mais necessário o levirato, pois todos viverão eternamente, numa nova ordem de coisas.

**Palavras-Chave:** Exegese. Novo Testamento. Teologia.

---

<sup>1</sup> Graduado em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP);

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Docente no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: [milton.torres@unasp.edu.br](mailto:milton.torres@unasp.edu.br);

## INTRODUÇÃO

De acordo com a Bíblia, o matrimônio é uma instituição ordenada por Deus. Em sua concretização terrena, porém, assume contornos agrídoces. Ou seja, o casamento é bom, mas tem as suas dificuldades: problemas de relacionamento, infidelidade conjugal, incompatibilidade de gêneros, entre outras coisas que tornam a vida conjugal um desafio mesmo para as pessoas que se amam. Diante disso, só podemos supor que transpor tais obstáculos seja essencial para a felicidade. Mas, o que vem depois? Como a Bíblia descreve a situação conjugal dos salvos? O que esperar dessa instituição quando a narrativa bíblica aponta para uma vida idílica no céu?

“O casamento foi divinamente estabelecido no Éden e confirmado por Jesus como união vitalícia entre um homem e uma mulher, em amoroso companheirismo” (NISTO CREMOS, 2013, p. 365). Com o ideal de atender as necessidades humanas, Deus criou o casamento (ROCK, 2011, p. 816). “O casamento se destina a trazer felicidade e bem-estar, não somente ao homem e à mulher que decidem serem parceiros na vida, mas também à família e à sociedade” (ROCK, 2011, P. 816). Mesmo com todas as dificuldades impostas pelo pecado (MANUAL DA IGREJA, 2010, p. 156), a família ainda é o sonho, e o desejo de muitos, além de ser uma realidade na vida de outros. Portanto, pergunta-se: essa instituição terá continuidade no céu? A doce esperança da ressurreição, uma nova pátria e a perfeição restaurada, são acalentadas no coração de todas as pessoas que acreditam em Cristo. Daí, a curiosidade em saber como será a vida nesse lugar glorioso. Assim, a resposta de Cristo aos saduceus, “não se casarão nem serão dados em casamento” (Lucas 20:35), suscita uma pergunta: o casamento terá continuidade no céu?

O casamento idealizado por Deus é uma bênção na vida do ser humano. Uma vez que era plano de Deus que o ser humano pudesse se realizar e aprender através dessa instituição, não há por que crermos que, com Sua volta e a restauração de todas as coisas, deixe de existir o casamento na eternidade. Assim, o objetivo geral deste trabalho foi examinar a resposta de Cristo dada aos saduceus sobre o casamento em Lucas 20:27-40. O objetivo específico foi, por sua vez, definir se há escopo para a instituição do casamento na doutrina escatológica do céu. Para tanto, a metodologia empregada nesta pesquisa foi a exegese do trecho de Lucas sob estudo.

## LUCAS 20:27-40, O LOCUS CLASSICUS DA DISCUSSÃO

Nos evangelhos, nota-se uma constante perseguição, por parte das facções judaicas, a Jesus. Contínuos ataques eram feitos ao Filho de Deus durante sua breve passagem na terra. E, na sua última semana em Jerusalém, logo após Cristo ter denunciado a comercialização no templo, na qual os sacerdotes estavam

envolvidos, eles contra-atacaram com novos questionamentos (PHIPPS, 1985, p. 327).

Os saduceus, círculo que possivelmente tinha seu nome derivado da família sacerdotal de Zadoque (cf. 1 Rs 1:8; 2:35), eram politicamente conservadores (MORRIS, 1983, p. 272). Formavam um pequeno partido de influentes aristocratas do qual o sumo sacerdote sempre fez parte (DIKES, 2003, p. 2). Possuíam recursos, controlavam o Sinédrio, eram apegados a esta terra, amavam o poder e seus privilégios (ROFF, 2015, p. 1). Acreditavam apenas nos cinco primeiros livros da bíblia (FAIRCLOTH, 2014, p. 1), não acreditavam em anjos, demônios, milagres ou vida pós-morte (DIKES, 2003, p. 2). Também rejeitavam a noção de intervenção de Deus na vida diária e duvidavam de Sua providência (ROFF, 2015, p. 1).

Contendiam com os fariseus sobre a ressurreição (FAIRCLOTH, 2014, p. 1), pois estes acreditavam, segundo Josefo, citado por Soares (2008, p. 18), “[...] na imortalidade da alma, na ressurreição do corpo, na existência do espírito, nas recompensas e castigos na vida futura de acordo com o modo de viver neste mundo.” E também criam que continuaria havendo casamentos e a procriação na vida por vir (PHIPPS, 1985, p. 327).

Já os saduceus, rejeitavam a visão ultramoderna farisaica (PHIPPS, 1985, p. 327), que sofria uma influência, definida por Ginzburg, citado por Soares (2008, p. 2), “como “circularidade cultural”, isto é, a troca de influências recíprocas que dinamiza para determinado grupo a incorporação de elementos característicos de uma cultura externa”. Tal manifestação aconteceu após os judeus terem sido derrotados pelos babilônicos, sendo seus filhos levados para Babilônia, que anos mais tarde fora anexado por Ciro, o persa (SOARES, 2008, p. 2).

A principal religião do império persa era o zoroastrismo, que tinha como central a ideia de ressurreição, julgamento com uma final punição ou premiação (SOARES, 2008, p. 2). A apocalíptica judaica, possivelmente sofreu influências também egípcias, na sua ideia de vida pós-morte (PHIPPS, 1985, p. 327). A literatura judaica, do início da era cristã, similarmente dava indícios de assimilação da cultura helenística na religião dos judeus e mesmo no povo (SOARES, 2008, p. 12).

Tentando ridicularizar o partido rival, os saduceus criaram uma questão unida a um conto judaico antigo (PHIPPS, 1985, p. 327). No livro de Tobias 6:14-15, podemos encontrar a história de uma mulher que havia se casado com sete homens, sendo que todos haviam morrido na noite de núpcias. O contexto dessa

narrativa aponta para o casamento levirato, que se encontra no livro de Deuteronômio 25:5-6. Esse tipo de união tinha como propósito “assegurar que um homem que morresse antes de deixar filhos homens herdeiros pudesse ainda ter um herdeiro” (THOMPSON, 1991, p. 240), além de favorecer e reforçar a dignidade da própria viúva (PHIPPS, 1985, p. 328). No entanto, unir os sete irmãos com uma mulher numa situação em que todos eles morrem subsequentemente, extrapola o cenário de Deuteronômio (DIKES, 2003, p. 2). Ao terminarem de fazer o embasamento ardiloso, os saduceus perguntaram: “Na ressurreição, de quem ela será esposa, visto que os sete foram casados com ela?” (Lucas 20:33 NVI). Com esse questionamento, tinham o intuito de constranger Jesus e assim desacreditá-lo (ROFF, 2015, p. 1), “mostrando o absurdo lógico da doutrina ortodoxa da ressurreição advogada pelos fariseus, que eles supunham que Jesus aceitava” (MORRIS, 1983, p.167). “Os saduceus estavam tentando um *reductio ad absurdum*, levar algo a sua conclusão lógica a fim de mostrar quão absurdo era pensar assim” (ROFF, 2015, p. 1).

“A revelação de Jesus diferia tanto da crença dos fariseus quanto da incredulidade dos saduceus no que se referiam à vida pós-ressurreição” (MORAES, 2005, p. 2). De acordo com os evangelhos sinóticos, Jesus responde: “Vocês estão enganados porque não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus! Na ressurreição, as pessoas não se casam nem são dadas em casamento; mas são como os anjos no céu” (Mateus 22:29,30 NVI). “Vocês estão enganados! Pois não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus! Quando os mortos ressuscitam, não se casam nem são dados em casamento, mas são como os anjos nos céus” (Marcos 12:24,25 NVI).

Os filhos desta era casam-se e são dados em casamento, mas os que forem considerados dignos de tomar parte na era que há de vir e na ressurreição dos mortos não se casarão nem serão dados em casamento, e não podem mais morrer, pois são como os anjos. São filhos de Deus, visto que são filhos da ressurreição (Lucas 20:34-36 NVI).

É possível ver na resposta de Cristo uma clara garantia da ressurreição e uma dura repreensão aos saduceus por seu orgulho sem base (ROFF, 2015, p. 2). Nessa advertência, o Salvador procurava mostrar que, apesar de a doutrina não ser explicitamente ensinada no Antigo Testamento, ela fazia parte implícita de seu conteúdo. Além disso, apontava para a clara ignorância da facção insolente primeiramente em relação às Escrituras e, depois, em relação ao poder de Deus para ressuscitar (DORNELES, 2013, p. 514).

Quando Jesus fala das Escrituras, provavelmente se refere ao conteúdo completo do cânon do Antigo Testamento, mas possivelmente Ele tenha se referido à porção usada pelo prepotente grupo, que seriam os cinco primeiros livros da Bíblia. E, ao se referir ao poder, Cristo estava apontando para a capacidade de Deus ressuscitar mortos, o que os saduceus, com sua soberba, não conseguiam ver (MORAES, 2005, p. 11).

Usando Êxodo 3, o Filho de Deus emprega o episódio da sarça ardente, no qual é dito que o Senhor é o "Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó" (v. 6), para afirmar a Sua ideia (ROFF, 2015, p. 2). Nessa compreensão, "Deus reputa as coisas que não são como se fossem. Vê o fim desde o começo, e contempla o resultado de Sua obra como se ela já estivesse acabada. [...] Os mortos vivem para Ele" (WHITE, 2004, p. 606). Embora a resposta de Cristo seja bastante clara no que diz respeito à doutrina da ressurreição, ela é bastante complicada no sentido de como será a vida futura.

Ao falar sobre a vida após a morte, Dykes (2003, p. 3-4) diz que não haverá cerimônias de casamento no céu, porque uma realidade muito melhor será inaugurada ao lado de Deus. As relações existentes, por melhores que sejam, serão ofuscadas. Os anjos não podem nascer, nem morrer, e muito menos se casar, vivendo somente para adorar e servir a Deus. Da mesma forma, os seres humanos viverão vidas assexuadas no céu.

Rodríguez (2012) acredita que o casamento não vai mais existir, porque as pessoas não vão mais morrer; por isso, não será mais necessária a reprodução para fins de perpetuar a raça humana. Ao justificar sua resposta, ele declara: "na ausência da morte, quando esse objetivo for alcançado, a procriação chegará ao fim" e a vida conjugal será transcendida por uma união muito mais profunda. Roff (2015, p. 4) também acredita que nosso relacionamento com Deus será algo muito melhor e superior aos desfrutados nesta terra. Um dos motivos para não existir mais o casamento também em sua opinião é que não haverá necessidade de procriação, pois ninguém morrerá. Já Ryan (1992, p. 335) entende que, na ressurreição, solteiros, casados, parentes, experimentarão um relacionamento que transcenderá qualquer coisa que possa ter sido vivenciado na terra, pois tudo será transformado.

Benedict (2012, p. 25-26), na frase "dar em casamento", afirma que este trecho é um paralelismo redundante da língua hebraica, já que a mesma declaração também aparece em Mateus 24:37-39 na asserção de Jesus sobre o tempo de Noé e as condições do fim dos tempos. Em sua visão, "não se casam

nem são dadas em casamento” não é sinônima, pois homens e mulheres entravam em casamento, porém só as mulheres é que eram dadas em casamento. Assim, nessa nova era, as mulheres não têm seu significado dependente do homem, mas experimentam a igualdade com os mesmos.

Phipps (1985, p. 327-328) mostra alguns pontos de vista diferentes em seu trabalho sobre o tema do casamento no céu. Ele começa pela visão feminista representada por Ruth Barnhouse, que compreende o sistema de casamento patriarcal como sendo obsoleto no céu, pois nesse reino a mulher é autônoma e não um bem a ser dado em casamento. Já o celibato tem sido outra forma de entender a passagem uma vez que é praticado e aceito na igreja católica. Nessa perspectiva, a castidade virginal é a vanguarda de uma era em que os homens serão assexuados e puros como os anjos. O autor também mostra o ponto de vista emergente, diferente da visão feminista e celibatária. Essa perspectiva argumenta que, em contraste com os saduceus, Jesus está afirmando que haverá ressurreição, e, em contraste com os fariseus, não será uma cópia da vida nesta terra. Dando continuidade, o autor diz que o casamento, como institucionalizado, é a união de um homem e uma mulher, de famílias diferentes, que se unem com o propósito de “prover a diversidade genética e o cuidado prolongado necessário para as crianças que nascerão.” De acordo, porém, com Sidney Callahan, essa união sexual exclusiva, na ressurreição, não existirá, dando espaço para uma união inclusiva. Assim expressando seu ideal, Callahan (1968, p. 6 apud PHIPPS, 1985, p. 328) diz: “A êxtase da cópula entre homem e mulher poderia se expandir para incluir todas as relações humanas.” E, para explicar, como seria essa vida mais inclusiva, ele faz referência às comunidades cristãs em Jerusalém, onde cristãos ampliavam seu vínculo familiar através da partilha de seus bens. “De modo semelhante, na comunidade ressurreta, o dá-e-recebe harmonioso de uma família feliz será expandido a todos de modo que todos estarão em perfeita concórdia” (PHIPPS, 1985, p.328).

Já Taylor (2014, p 2) diz que não haverá casamento porque só existirá um, o de Cristo com a criação redimida. Para Nash (2002, p. 13), as relações humanas têm o aspecto legal, físico e espiritual. Com a morte, a parte legal e física pode perecer, porém não a espiritual. Ele acredita que os relacionamentos espirituais começados aqui continuarão ainda melhores na eternidade, pois não haverá o toque maligno do pecado na sua realidade. A posição de Faircloth (2014, p. 2) é que a resposta de Jesus está direcionada àqueles que estão no contexto do levirato, pois uma vez que serão como anjos e não morrerão seria assim

desnecessário tal costume.

Moraes (2005, p. 21) afirma que não haverá casamento porque os homens viverão um novo tipo de existência. Estarão constantemente desfrutando da presença de Deus, além de substituírem os anjos que caíram, o que fará com que usufruam de uma promoção especial entre os seres que foram criados. Essa nova posição também tem um caráter funcional, fazendo os homens serem testemunhas de Deus aos mundos não caídos. Dessa forma, por conta da “vitória pessoal contra o pecado pelos méritos de Cristo, seu companheirismo eterno com Deus e sua missão testemunhal no universo é que os salvos, como os anjos, não precisam se casar e procriar” (MORAES, 2005, p. 22). Em geral, os autores acreditam que existirá uma realidade de relacionamento que transcenderá a existente (DYKES, 2003).

Alguns autores argumentam que não haverá casamento no céu devido à nova realidade que os seres humanos desfrutarão na eternidade. Por serem tornados como anjos, não se casam e nem se dão em casamento, mas vivem para adorar e servir a Deus (DYKES, 2003). Outros dizem que, por viverem eternamente, já não será necessária a procriação para perpetuar a raça (RODRÍGUEZ; ROFF; 2012, 2015). Já Benedict (2012) e Phipps (1985) acreditam que será uma era de igualdade; por isso, não existirá casamento, já que somente a mulher era dada em casamento. E Taylor (2014) e Dykes (2003) dizem que o único casamento que existirá será o de Cristo com Sua igreja. Nash (2002), por sua vez, acredita que as relações que tiveram sua esfera espiritual na terra se prolongarão pela eternidade. Faircloth (2014) acredita que o casamento deixará de existir, somente no contexto do levirato, pois os humanos não morrerão mais.

## EXEGESE DE LUCAS 20:27-40

De acordo com Stuart *et al.* (2008, p. 22), “exegese é um estudo analítico completo de uma passagem bíblica, feito de tal forma que se chega à sua interpretação útil.” É “extrair do texto seu significado” (OSBORNE, 2009, p. 69), “é uma tarefa teológica, mas não mística” (STUART *et al.* 2008, p. 22). Assim, o uso de tal ferramenta se faz necessário para a análise do texto sob estudo neste trabalho. A pretensão é, como Stuart *et al.* (2008, p. 22) sugere, chegar ao “significado que o autor bíblico queria comunicar”.

## O contexto da passagem

Em Lucas 19:28-40, temos a narrativa da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Nesse tempo, as autoridades “tinham dado ordem para, se alguém soubesse onde ele estava, denunciá-lo, a fim de o prenderem” (JOÃO 11:57). Segundo Porter (2008, p. 1689-2690), conforme Zc 9:9 havia predito muito tempo antes, o Messias seria saudado pelo aplauso do povo, mas não seria recebido como um conquistador militar em um cavalo de batalha. Posto que era um embaixador da paz, Jesus entrou em Jerusalém, de forma mansa e humilde, sentado no lombo de um jumentinho.

Momentos depois, em Lucas 19:41-44, o Salvador aparece chorando tristemente sobre a cidade de Jerusalém. Devido a sua obstinada rejeição, a cidade seria destruída. Na sequência, Jesus purifica o templo. Mc 11:11-12 e 15 informa que esse incidente ocorreu um dia depois da entrada triunfal (MORRIS, 1983, p. 265). Jesus, então, expulsa do templo os que estavam transformando a casa de Deus em um lugar de autoenriquecimento (PORTER, 2008, p. 1690), repreendendo os negociantes ao indicar a diferença entre a desonestidade deles (cf. Jr 7:11) e a verdadeira natureza do Templo como casa de oração (cf. Is 56:7).

Lucas 19:47 nos informa que Jesus era encontrado no templo todos os dias, ensinando. Lucas diz que, além dos escribas e dos principais sacerdotes, também os maiores do povo desejavam sua morte. Morris (1983, p. 265) argumenta que Cristo fizera “inimigos entre as classes dominantes em geral.” Devido a Sua grande aceitação por parte do povo, os inimigos do Filho de Deus que Lhe desejavam tirar a vida, eram inibidos de qualquer ação.

É com esse quadro, que o capítulo 20 de Lucas começa. O Salvador pregava o evangelho da salvação e era interrogado pelos principais sacerdotes e escribas, juntamente com os anciãos, o que dava a impressão de ser um inquirido oficial da parte do sinédrio (MORRIS, 1983, p. 266). Queriam saber com que autoridade Ele tinha agido e, desse momento em diante, vemos uma série de debates entre os oficiais e Jesus. O intuito dos líderes era silenciar, de uma vez por todas, a voz do Messias. O povo servia, porém, como freio para tal ação. Isso fez com que mudassem de estratégia. Agora, com seus questionamentos desejavam desacreditá-Lo perante a população (MORRIS, 1983, p. 269).

Em Lc 20:27-40, pela primeira vez em todo o livro, os saduceus são citados, “o que não surpreende, visto que os saduceus exerciam sua influência aristocrática na cidade de Jerusalém, e Lucas concentra sua narrativa no ministério galileu de Jesus” (PAO; SCHNABEL, 2014, p. 457). Lucas ao falar desse partido, os caracteriza como não acreditando na ressurreição.

A tradução de João Ferreira de Almeida assim apresenta a passagem:



27 Chegando alguns dos saduceus, homens que dizem não haver ressurreição, 28 perguntaram-lhe: Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se morrer o irmão de alguém, sendo aquele casado e não deixando filhos, seu irmão deve casar com a viúva e suscitar descendência ao falecido. 29 Ora, havia sete irmãos: o primeiro casou e morreu sem filhos; 30 o segundo e o terceiro também desposaram a viúva; 31 igualmente os sete não tiveram filhos e morreram. 32 Por fim, morreu também a mulher. 33 Esta mulher, pois, no dia da ressurreição, de qual deles será esposa? Porque os sete a desposaram. 34 Então, lhes acrescentou Jesus: Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento; 35 mas os que são havidos por dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento. 36 Pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição. 37 E que os mortos hão de ressuscitar, Moisés o indicou no trecho referente à sarça, quando chama ao Senhor o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. 38 Ora, Deus não é Deus de mortos, e sim de vivos; porque para ele todos vivem. 39 Então, disseram alguns dos escribas: Mestre, respondeste bem! 40 Dalí por diante, não ousaram mais interrogá-lo.

No entanto, o texto apresenta algumas pequenas dificuldades crítico-textuais, que podem afetar, em alguns detalhes, a tradução.

### **Crítica textual e fixação do texto**

A crítica textual é um recurso necessário para trabalhar as diferenças de variantes textuais nas passagens bíblicas. Segundo Omanson (2010, p. xii), trata-se do

estudo dos textos bíblicos que aparecem nos manuscritos antigos, com o objetivo de recuperar uma forma de texto que se aproxime o máximo possível do texto exato dos escritos originais (chamados de “autógrafos”) assim como estes se apresentavam antes de copistas introduzirem alterações e cometerem erros durante o processo de cópia.

A perícopete apresenta um texto grego de qualidade superior, como é do costume de Lucas:

Προσελθόντες δέ τινες τῶν Σαδδουκαίων, οἱ ἀντιλέγοντες ἀνάστασιν μὴ εἶναι, ἐπηρώτησαν αὐτὸν 28 λέγοντες Διδάσκαλε, Μωϋσῆς ἐγραψεν ἡμῖν, ἔάν τινος ἀδελφὸς ἀποθάνῃ ἔχων γυναῖκα, καὶ οὗτος ἄτεκνος ἦ, ἵνα λάβῃ ὁ ἀδελφὸς αὐτοῦ τὴν γυναῖκα καὶ ἐξαναστήσῃ σπέρμα τῷ ἀδελφῷ αὐτοῦ. 29 ἑπτὰ οὖν ἀδελφοὶ ἦσαν· καὶ ὁ πρῶτος λαβὼν γυναῖκα ἀπέθανεν ἄτεκνος· 30 καὶ ὁ δεῦτερος ἔτην γυναῖκα, καὶ οὗτος ἀπέθανεν ἄτεκνος. 31 καὶ ὁ τρίτος ἔλαβεν αὐτήν, ὡσαύτως δὲ καὶ οἱ ἑπτὰ οὐ κατέλιπον τέκνα καὶ ἀπέθανον. 32 ὕστερον καὶ ἡ γυνὴ ἀπέθανεν. 33 ἡ γυνὴ οὖν ἐν τῇ ἀναστάσει τίνας αὐτῶν γίνεται γυνή; οἱ γὰρ ἑπτὰ ἔσχον αὐτήν γυναῖκα. 34 καὶ εἶπεν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς Οἱ υἱοὶ τοῦ αἰῶνος τούτου γαμοῦσιν καὶ γαμίσκονται, 35 οἱ δὲ καταξιοθέντες τοῦ αἰῶνος ἐκείνου τυχεῖν καὶ τῆς ἀναστάσεως τῆς ἐκ νεκρῶν οὔτε γαμοῦσιν οὔτε γαμίζονται· 36 οὐδὲ γὰρ ἀποθανεῖν ἔτι δύνανται, ἰσάγγελοι γὰρ εἰσιν, καὶ υἱοὶ εἰσιν Θεοῦ τῆς ἀναστάσεως υἱοὶ ὄντες. 37 ὅτι δὲ ἐγείρονται οἱ νεκροί, καὶ Μωϋσῆς ἐμήνυσεν ἐπὶ τῆς Βάτου, ὡς λέγει Κύριον τὸν Θεὸν Ἀβραὰμ καὶ Θεὸν Ἰσαὰκ καὶ Θεὸν Ἰακώβ· 38 Θεὸς δὲ οὐκ ἔστιν νεκρῶν ἀλλὰ ζώντων· πάντες γὰρ αὐτῷ ζῶσιν. 39 ἀποκριθέντες δὲ

τινες τῶν γραμματέων εἶπαν Διδάσκαλε, καλῶς εἶπας. 40 οὐκέτι γὰρ ἐτόλμων ἐπερωτᾶν αὐτὸν οὐδέν.

Ao analisar o aparato crítico do NT grego, encontramos apenas três conjuntos de variantes dignas de nota para a fixação do texto, que aparecem espalhados em três versos: 27, 34 e 36.

No verso 27, Omanson (2010, p. 145) nos diz que as variantes *hoi antilegontes mé* e *hoi legontes mé* não apresentam maiores dificuldades para o tradutor, “pois o sentido de ‘que negam existir’ e ‘que dizem que não existe’ [respectivamente] é o mesmo.” Porém, quanto às evidências externas, *hoi legontes* tem o apoio de bons representantes dos tipos de texto alexandrino, ocidental e cesareano (CHAMPLIN, 2001; OMANSON, 2010). “De outro lado, essa leitura pode ter surgido quando copistas alteraram o particípio *antilegontes*, para fazer o texto concordar com o paralelo em Mt 22.23 (evidência interna)” (OMANSON, 2010, p. 145). Omanson (2010) e Champlin (2001) acreditam que a forma *legontes* é mais fácil para leitura, o que acaba evitando a dupla negativa de *antilegontes* e *mê*. Por causa da tensão que existe entre a evidência externa e interna, é comum, nas edições críticas, colocar-se o prefixo *anti* entre colchetes. Uma terceira variante é muito menos provável: “a leitura *hoitines legousin* (os quais dizem) é, com certeza, uma correção feita por razões de estilo” (OMANSON, 2010, p. 145). Considera-se que o uso de pronomes relativos em orações adjetivas pertence a uma dicção superior àquela produzida pelos participios, mesmo os articulares. Portanto, é compreensível que o copista tenha desejado dar uma pequena ajuda para a melhora do estilo de Lucas.

Já quanto ao verso 34, Omanson (2010, p. 145) comenta que depois de *tou aiōnos touton* (“deste século”), “vários testemunhos ocidentais inserem uma formulação típica, *gennōntai kai gennōsin* (são gerados e geram)”. Os grandes códices (Sinaítico, Vaticano, Alexandrino, entre outros) desautorizam, porém, essa glosa. Portanto, em vez de traduzir como “os filhos deste século são gerados e geram, casam-se e dão-se em casamento” é melhor optar pela formulação mais curta, como ocorre na versão Almeida.

E, por fim, no verso 36, Omanson (2010, p. 145) explica que “em vez de dizer diretamente ‘não podem mais morrer’, vários testemunhos (a maioria ocidental) abrandam isso um pouco, usando a palavra *mellousin* (“não vão mais morrer)”. Dentre os grandes códices, apenas o Bezae Cantabrigense, o Washingtoniano e o de Tbilisi apoiam a variante atenuada. Os principais códices, por outro lado, dão apoio à variante mais enfática (*dynantai*), especialmente os códices Sinaítico, Alexandrino e Vaticano. Mais uma vez, portanto, a versão Almeida optou pela variante mais provável.

Ainda que o texto da perícopie não apresente variantes textuais de importância e mesmo diante do fato de que sua tradução na versão Almeida seja de excelente qualidade, propõe-se, a seguir, uma tradução *ad hoc* no intuito de satisfazer às exigências

deste estudo exegético. As principais qualidades buscadas na tradução oferecida incluem: (1) o desenvolvimento das orações reduzidas (especialmente as orações adverbiais formadas por participios); (2) a explicitação das relações sintáticas existentes entre os diferentes grupos nominais por meio de uma ordem frasal mais natural; (3) a eliminação das marcas tradutórias comumente encontradas nas traduções de tendência mais literal; e (4) a atualização da dicção.

27 Alguns saduceus, que negam haver ressurreição, se aproximaram 28 e lhe perguntaram: Mestre, Moisés nos escreveu que, se morrer um irmão casado de alguém e se não tiver filhos, seu irmão deve casar com a viúva e suscitar descendência ao falecido. 29 Ora, havia sete irmãos: o primeiro casou e morreu sem filhos; 30 o segundo e o terceiro também desposaram a viúva; 31 igualmente os sete não tiveram filhos e morreram. 32 Por fim, morreu também a mulher. 33 Essa mulher, pois, no dia da ressurreição, de qual deles será esposa? Porque os sete a desposaram. 34 Então, lhes disse Jesus: Os filhos deste século casam-se e dão-se em casamento; 35 mas os que são considerados dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento. 36 Pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos e são filhos de Deus e também da ressurreição. 37 E, na sarça, Moisés revela que os mortos vão ressuscitar, quando chama o Senhor de Deus de Abraão, Deus de Isaque e Deus de Jacó. 38 Ora, Deus não é Deus de mortos, e sim de vivos; porque, para ele, todos vivem. 39 Então, disseram alguns escribas: Mestre, respondeste bem! 40 E ninguém mais ousou interrogá-lo.

### **Análise da perícopes**

Lucas 20:27-40 narra um debate iniciado pelos saduceus, que, para minar a popularidade de Jesus, lhe propõem um questionamento ardiloso. Com vistas a acabarem com a credibilidade do Salvador perante o povo, eles atacam a crença na ressurreição, que Cristo defendia e na qual eles não acreditavam. Recorrendo aos escritos de Moisés, única parte da Bíblia que aceitavam, eles usam a lei do levirato encontrada em Deuteronômio 25:5-10 para mostrar a suposta irracionalidade da ideia da ressurreição. Entretanto, tendo em mente que o tema da ressurreição é central na discussão, o levirato passa a ser um dispositivo sem validade em uma realidade na qual as pessoas já não morrem. “Jesus mostra que a atenção dispensada pelos saduceus ao levirato partia de uma concepção que levava em conta apenas os aspectos sociais do mundo presente” (PAO; SCHNABEL, 2014, p. 458). A ressurreição que Jesus defendia não era, porém, equivalente à dos fariseus, grupo rival dos saduceus. Enquanto os fariseus acreditavam que a vida futura seria como a vivida aqui nesta terra, Jesus apontava para uma nova ordem de coisas a ser experimentada pelos privilegiados que gozarão de uma nova vida.

Ao falar sobre a ressurreição, Cristo usa o relato da sarça ardente, que se encontra em Êxodo 3:1-4:17, um dos livros aceitos pelo partido, para defender Sua perspectiva. Usando a ferramenta de ataque dos saduceus, Jesus prova Sua autoridade com a fiel interpretação que faz dos escritos de Moisés. O Salvador mostra a ignorância do partido

em não compreender as Escrituras e em mesmo limitar o poder de Deus de ressuscitar os mortos. Em Sua perspectiva, “Deus ressuscitará os mortos porque Ele não pode deixar de cumprir as promessas de que será o Deus deles” (MARSHALL, 1978, p. 743; ELLIS, 1974, p. 235-236 *apud* PAO; SCHNABEL, 2014, p. 462).

Por fim, Jesus fala que aqueles “que são considerados dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento, pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos e são filhos de Deus e também da ressurreição” Lucas 20:35-36. Aqui, Jesus abre as cortinas de uma vida superior àquela marcada pelos resultados do pecado, na qual prevaleceu a morte e houve separações, traições e violência, pois descreve uma nova ordem de coisas para aqueles que estarão no céu. Isso não significa que os relacionamentos começados aqui terminaram; pelo contrário, indica que serão perpétuos, pertencentes a uma realidade incomparavelmente superior.

Jesus afirma que os que alcançam a vida da ressurreição são “filhos de Deus” e “filhos da ressurreição” (20.34,36): como “filhos de Deus”, são “iguais aos anjos” (quanto a “filhos de Deus” como anjos, v. Jó 1.6; 38.7; Sl 29.1; 89.6 [89.7 TM]). Assim, como “filhos da ressurreição”, são iguais aos anjos, e os anjos não necessitam nem de alimento, nem de se casar (cf. 1En 15.6; 51.4; 104.4-6; Sab 5.5,15-16; 2Br 51.10; IQHa XI, 21-23; XIV, 13; IQ28b IV, 24-28), o que prova que os relacionamentos na era da ressurreição são diferentes dos relacionamentos humanos de hoje, invalidando o dilema dos múltiplos maridos formulado pelos saduceus (BOCK, 1994-1996, p. 1623-1624 *apud* PAO; SCHNABEL, 2014, p. 459).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os saduceus, grupo que se opunha a Jesus, eram poderosos, ricos e incrédulos em algumas das posições defendidas pelos fariseus e outros grupos religiosos da época. Na semana da paixão, Cristo é abordado pelos seus inimigos e questionado sobre vários assuntos. O intuito de tal sabatina era pegá-lo em algum erro, em alguma contradição, para acabar com Sua popularidade, motivo que O mantinha vivo, e depois matá-lo. Dentre os assuntos abordados, os saduceus questionaram a Jesus sobre a ressurreição. Lucas 20:27-40 narra o combate entre o Filho de Deus e os seus indagadores. Ao propor uma pergunta para Cristo, eles pensavam que poderiam desacreditá-Lo perante a multidão expectante.

Na análise da perícopé de Lucas, foi possível notar, na resposta de Jesus ao partido descrente na ressurreição, uma confirmação dessa crença. Essa certeza podia ser fundamentada nas Escrituras, em relatos como o da sarça ardente, apontado por Jesus, e no poder de Deus, outro motivo para não desacreditar em tal promessa. Cristo diz que seremos como os anjos, em outras palavras, seres imortais, filhos de Deus. Não será mais necessário o levirato, pois todos viverão eternamente, numa nova ordem de coisas.

Jesus também abre as cortinas do futuro e diz para os saduceus: “Os filhos deste século casam-se e dão-se em casamento; mas os que são considerados dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento.” Nesse futuro, onde tudo será novo, os relacionamentos certamente serão transcendidos por algo inimaginável. O que não deve levar a pensar que as relações vividas aqui terão fim. Em vez disso, serão simplesmente melhores, pois já não existirá a realidade do pecado que traz morte, desilusões, tristezas, separação, traições e tantas outras coisas negativas.

Deuteronômio 29:29 diz que “as coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei.” Assim, ousar descrever como será essa nova realidade de vida, não seria nada além de um palpite. Apesar disso, algumas coisas sobre o céu, o matrimônio e o casamento no céu podem ser ditas com base no que conhecemos de Deus e dos seres humanos. No romance *The traitor in the tunnel*, de Y. S. Lee, um dos personagens se dirige à heroína com a alegação de que casar-se com ela seria como visitar o céu. A moça responde de modo enfático:

- Você faz uma ideia muito estranha do céu!

Em resposta, o personagem galanteador só consegue dizer:

- Beije-me e você vai descobrir.

Por mais que pareça impróprio derivar teologia de um romance. É possível que a ideia de céu ali esboçada não seja tão estranha, afinal de contas. O céu é um lugar de amor. Sendo assim, não é incompatível com a doutrina do céu a ideia de que os casais continuem a viver juntos e em harmonia. Talvez não se formem novas uniões, mas é possível dizer dos velhos laços que, quem sabe, nem mesmo a morte poderá desfazê-los permanentemente (Ct 8:4). Afinal, “o amor vem de Deus” (1 Jo 4:7).

## REFERÊNCIAS

BENEDICT, J. Neither marriage nor giving in marriage: Jesus, the age to come, and gender equality. **Brethren Life and Thought**. v. 57, n. 2, p. 25-27, set. 2012.

CHAMPLIN, Russell N. **O novo testamento interpretado: versículo por versículo**. São Paulo : Hagnos, 2001. v. 2.

DORNELES, V. (Ed.). **Comentário bíblico adventista do sétimo dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013. v. 5.

DYKES, David O. **One bride for seven brothers**. 2003. Disponível em: <<http://www.gabc.org/assets/archive/messages/pdf2003/s040603.pdf>>. Acesso em: 7 out 2015.

FAIRCLOTH, Raymond C. Will the institution of marriage exist in the kingdom? **Biblical Truth Seekers**, v. 8, study 3, 2014. Disponível em:

<<http://www.preschurchedy.org/images/manuscripts/2015-04-19AM.pdf>>. Acesso em: 7 out 2015.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. **Nisto cremos**. Matrimônio e família. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013. p. 365-384

LEE, Y. S. **The traitor in the tunnel**. Somerville, MA: Candlewick, 2012.

**MANUAL DA IGREJA**. Casamento, divórcio e novo casamento. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010. p. 152-162.

MORAES, Natanael B. P. **Haverá casamentos na nova terra?** 2005. Disponível em: <URL:<http://circle.adventist.org/files/unaspress/parousia2005018917.pdf>>. Acesso em: 7 out 2015.

MORRIS, Leon L. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983.

NASH, R. Will death do us part? **Facts for Faith**, Glendora, n. 8, p. 13, 2002.

OMANSON, Roger L. **Variantes textuais do Novo Testamento**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PAO, David W.; SCHNABEL, Eckhard J. Lucas. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Orgs.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

PHIPPS, W. E. Jesus on marriage and the afterlife. **The Christian Century**, v. 102, n. 11, p. 327-328, 1985.

PORTER, Laurence E. **Comentário bíblico nvi**: antigo e novo testamento. São Paulo: Editora Vida, 2008.

ROCK, Calvin B. **Tratado de teologia adventista do sétimo dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

RODRÍGUEZ, Ángel M. **Marriage in heaven**. 2012. Disponível em: <<https://adventistbiblicalresearch.org/materials/theology-heaven/marriage-heaven>>. Acesso em: 7 out 2015.

ROFF, Lawrence C. **One bride for seven brothers**. 2015. Disponível em: <<http://www.preschurchedy.org/images/manuscripts/2015-04-19AM.pdf>>. Acesso em: 7 out 2015.

RYAN, P. J. Sevenfold. **America**, New York, v. 167, n. 13, p. 335, 31 out 1992.

SOARES, Elisangela A. Viver pela santa eternidade: pistas da escatologia pessoal no judaísmo antigo. **Revista Theos**, v. 4, n. 2, p. 1-22, 2008.

STUART, Douglas et al. **Manual de exegese bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

TAYLOR, Simon J. **An invitation to the feast**: a positive Biblical approach to equal marriage. 2014. Disponível em: <<http://www.lgbtac.org.uk/events/HaveAndHoldConf27sep14/Simon%20Taylor-%20biblical%20perspective,%20An%20Invitation%20To%20the%20Feast%20.pdf>>. Acesso em: 7 out 2015.

- THOMPSON, J. A. **Deuteronômio**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1982.
- VAUX, R. **Instituições de Israel no antigo testamento**. São Paulo: Editora Teológica, 2003.
- WHITE, Ellen. G. **O desejado de todas as nações**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.